

Marco arquitectónico de Lisboa

Foi em 1993 que a CGD apresentou à cidade e ao País aquele que era o seu novo Edifício Sede. Equipado com meios de segurança e tecnologia de última geração, o edifício estende-se por três blocos, 15 pisos, albergando cerca de 4 500 residentes



A construção do edifício sede da Caixa Geral de Depósitos (CGD), foi um processo iniciado em 1981 com a aquisição de terrenos na Av. João XXI, Rua do Arco do Cego e do Bairro Social. A década de 1980 foi marcada por uma evolução da actividade da CGD, o que tornou emergente a construção de um edifício capaz de concentrar todos os departamentos da Caixa que até aí se encontravam dispersos pela cidade de Lisboa. A construção da nova sede permitiu reunir, em termos físicos e operacionais, todos os serviços passando a agrupar-se em Direcções Centrais.

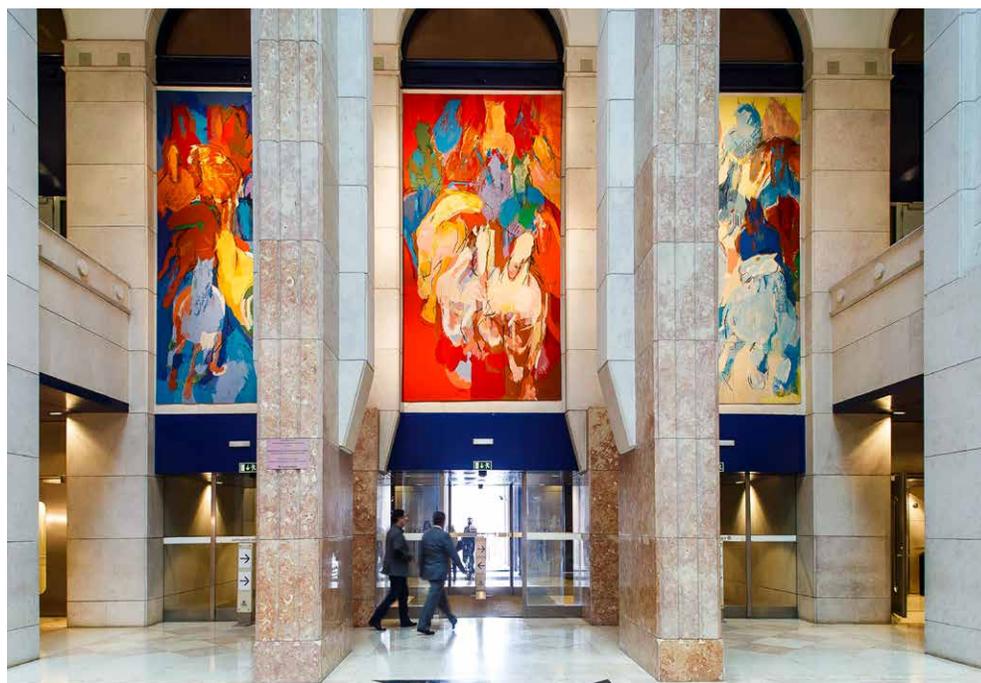
Além das necessidades logísticas, a Caixa desempenhava um papel crucial no contexto nacional devendo a sua existência ser assinalada por um edifício que constituísse um marco arquitectónico na cidade. Com isso, conseguiu consolidar a imagem da marca, ao mesmo tempo valorizar a malha urbanística.

Para o processo de selecção só foram admitidos gabinetes de arquitectura portugueses, mas, dada a dimensão e complexidade do empreendimento, foi previsto que os concorrentes se pudessem associar a outros gabinetes nacionais ou estrangeiros.

De acordo com o preâmbulo do Programa Preliminar foram definidos princípios base para a elaboração do projecto: através da Representatividade, o novo edifício deveria constituir um equilíbrio urbanístico, reflectir a solidez da sua história assim como perspectivar uma imagem rumo ao futuro; o conceito de Habitabilidade deveria promover um modelo de instalações em relação a outras construções congéneres e proporcionar as melhores condições de ambiência; a Flexibilidade subentendia um modelo flexível de fácil adaptação a novas necessidades na evolução natural dos serviços da instituição; através da Segurança previa-se a preocupação pela segurança no interior e exterior do edifício; a Gestão impunha a necessidade de controlar custos dos consumos energéticos, manutenção e conservação do edifício.

A escolha recaiu na proposta da autoria do Consórcio liderado pela LUSOTECNA, Consultores Técnicos Industriais, SARL., cujo chefe de projecto era o arquitecto Arsénio Raposo Cordeiro.

O edifício ficou concluído em 1993 e foi apresentado aos órgãos de Comunicação Social a 24 de Fevereiro sendo que a transferência dos Departamentos Centrais se efectuou a partir de 12 de Abril. Estava, assim, em pleno funcionamento o Edifício Sede que foi concebido como sendo um dos mais inteligentes



e que está dotado de um conjunto de meios de protecção e segurança para enfrentar, se necessário, situações de risco como assaltos, actos de terrorismo e vandalismo, incêndios e catástrofes naturais.

Uma das premissas da nova Sede prendia-se com o bem-estar dos colaboradores, disponibilizando-lhes não só as áreas de trabalho, mas outros espaços no desenvolvimento de actividades e lazer. Nos anos 80 um edifício com estas valências era bastante inovador. Com cozinha e restaurante próprio promove uma vivência diária exclusiva no seu interior. Além disto, destaca-se pela existência de um posto médico que dispõe de uma enorme variedade de especialidades clínicas.

O edifício subdivide-se em três blocos - Nascente, Central e Poente - e é constituído por diversas áreas: Administração e Departamentos Centrais, Restauração, Serviços Sociais, Agência Central, Empresas do Grupo CGD e Culturgest. Tem 15 pisos (-6 ao +9), cerca de 4 500 residentes e cerca de mil lugares de estacionamento.

Em 1993, o edifício Sede foi considerado um edifício inteligente numa linha arquitectónica clássica sem edifícios congéneres na cidade de Lisboa. Estava preparado com uma série de meios de segurança e tecnologia de última geração. Antes e durante a sua construção foram feitas deslocações a outros





Fábrica de Cerâmica Lusitânia

Quando a Caixa adquiriu os terrenos para a construção da nova sede, restavam as ruínas da Fábrica de Cerâmica Lusitânia, instalada nesse mesmo local desde 1908. Este complexo fabril começou por ser uma empresa familiar, cujo fundador foi o francês Sylvain Bèssière. Com o seu desaparecimento em 1919, a fábrica assumiu-se como uma companhia de estrutura empresarial e a Cerâmica Bèssière Sucessores passou a designar-se Companhia da Fábrica de Cerâmica Lusitânia. A fábrica desenvolveu investimentos noutras áreas de fabrico de elementos cerâmicos que não eram característicos da empresa, nomeadamente, mosaicos, produtos refratários, elementos em grés e azulejos. Com a modernização das instalações, iniciou-se a especialização de processos de produção nas várias etapas de fabrico através da ampliação do complexo e da aquisição de maquinaria tecnologicamente mais evoluída. A produção artística era desenvolvida pelo atelier de pintura dirigido por Jorge Colaço que instituiu o desenvolvimento de técnicas como a de tubagem, aerografia e estampilhagem. Com a concretização da Av. João XXI, a fábrica foi expropriada de uma parte dos seus terrenos e em 1971 a actividade de produção fabril cessou. Passados 10 anos a CGD deu início às negociações para adquirir esses mesmos terrenos.

países da Europa para avaliar conceitos semelhantes e suas especificidades para que os melhores procedimentos fossem adoptados neste novo complexo.

Surgiram ao longo dos anos precedentes, desafios relacionados com factores ambientais. O Edifício conseguiu acompanhar esses estímulos. Inclui sistemas de poupança de água e energia, separação selectiva de papel, plástico, tinteiros das impressoras, racionalização do consumo de papel e preocupação em seleccionar fornecedores que partilhem com a Caixa as boas práticas sociais e ambientais.

Aliás, uma das principais preocupações da CGD é reduzir os impactes ambientais que resultam da sua actividade desenvolvendo iniciativas destinadas a contribuir para a melhoria da ecoeficiência das instalações, nomeadamente a Instalação da Central Solar Térmica no Edifício Sede em Lisboa. Instalada na cobertura, tem em vista a redução de emissões de CO₂ e efectuou a utilização de energias de fonte renovável no edifício, num projecto realizado em parceria com a EDP. Aquela que, na altura, era a maior Central Solar Térmica do País, foi inaugurada a 15 de Setembro de 2008. Constituída por 158 colectores solares em 1.600 m² da cobertura do edifício, permite a produção de energia que é utilizada para aquecer água para sistemas de climatização e instalações sanitárias.

Obras de arte abertas ao público

Tendo sido um projecto concebido para marcar a diferença em termos arquitectónicos na cidade de Lisboa, a sede da CGD permitiu a inclusão de obras de arte na arquitectura do edifício, para o interior, no-

meadamente para decorar algumas zonas públicas e também para o espaço exterior (zonas ajardinadas, entradas Norte e Sul).

No espaço interior do complexo podem ser apreciadas três tapeçarias instaladas no topo Norte do Átrio Central (Título - Do caos à organização em busca do retângulo de ouro, 1987) do pintor Júlio Resende, três tapeçarias (fio de algodão em pura lã) instaladas no topo Sul do Átrio Central (Título - Tropel, 1987) do pintor Júlio Pomar e painéis de azulejo instalados no átrio nascente (1988) da autoria da pintora Graça Morais e Salinas Calado.

Podem ainda ser apreciados o revestimento interior (mosaicos vitrificados) da Cúpula da Entrada Sul (Título - Abóbada Celeste, 1987) do pintor Eduardo Nery, a escultura em bronze de duas estátuas no Lago do Jardim Norte (Título - Secreta Mensagem, 1989) da autoria do escultor Lagoa Henriques e esculturas em ferro instaladas no jardim do Auditório ao ar livre (Título - Os doze vice-reis da Índia, 1993) da autoria do pintor Luís Pinto Coelho.

No ano em que se comemora o 25º aniversário do Edifício Sede foi intenção da CGD assinalar a data de forma discreta mas que, ao mesmo tempo, mostrasse aos colaboradores e ao público em geral, o desenvolvimento de todo o processo de construção de um edifício ímpar que na época não encontrava precedentes em Portugal. Foi feita uma exposição no Átrio Central que ainda pode ser visitada.

A exposição foi pensada de forma a estabelecer momentos estanques e que marcaram todo o processo, desde a aquisição dos terrenos pela CGD até ao funcionamento em pleno de todos os serviços, em 1993. Para além disso, estabeleceram-se alguns paradigmas no sentido de avaliar a política sustentável adoptada pela CGD até ao presente (2018).

Desta exposição fazem parte três núcleos distintos: o momento Antes, dedicado à história da Fábrica de Cerâmica Lusitânia e sua regrada cessação; o momento Durante, que se dedica ao Complexo Sede e sua construção; e o momento, Agora, que filtra alguns aspectos relacionados com a política sustentável desenvolvida pela Caixa, nomeadamente, no que concerne ao Edifício Sede.

O cenário escolhido para a melhor convergência destes três períodos foi o logotipo da CGD que, através dos três elos que o compõe, criaram um circuito uniforme e ao mesmo tempo, independente. Existe ainda a intenção de publicar uma brochura de formato electrónico com os conteúdos generalizados desta exibição. ■